

FICHA TÉCNICA

Título original: *Homegoing*

Autora: *Yaa Gyasi*

Copyright © 2016 by YNG Books, Inc.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Maria do Carmo Figueira*

Revisão: *Diogo Maria Pessoa/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 422 131/17

1.ª edição, Lisboa, março, 2017

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

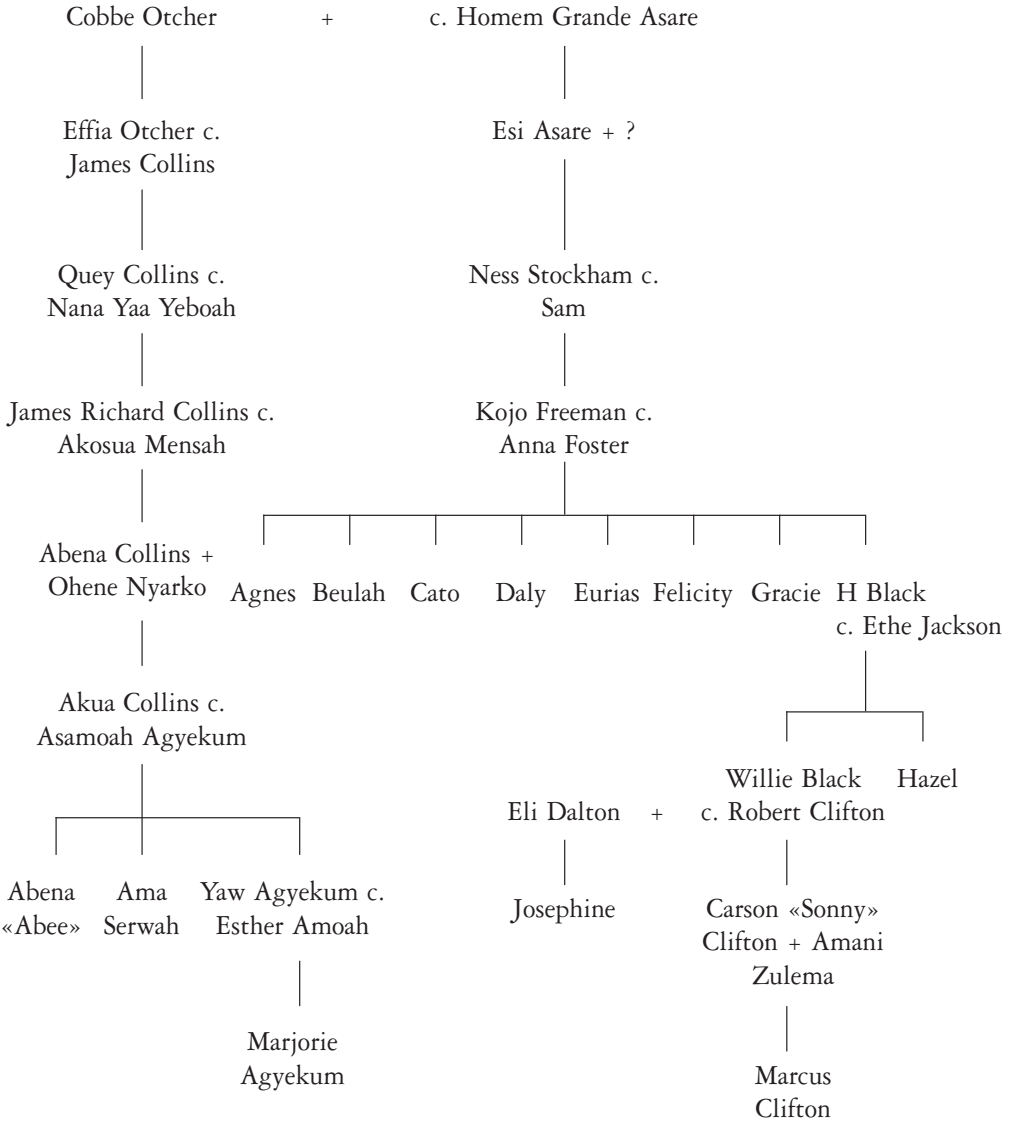
www.presenca.pt

Abusua te se kwae: se wo wo akyire a wo hunu
se ebom; se wo ben ho a na wo hunu se nnua
no bia sisi ne baabi nko.

A família é como a floresta: quem está fora,
acha-a densa; quem está dentro, vê que cada
árvore tem a sua própria posição.

PROVÉRBIO AKAN

Maame



EFFIA

Na noite em que Effia Otcher nasceu sob o calor almiscarado da nação Fante, deflagrou um incêndio enorme na floresta que contornava o terreno do pai dela. O fogo avançou rapidamente, abrindo caminho ao longo de vários dias. Alimentava-se do ar; dormia nas cavernas e escondia-se entre as árvores; consumia tudo, sem se preocupar com a destruição que deixava atrás de si, até que chegou a uma aldeia Asante. E, aí, desapareceu, fundindo-se com a noite.

O pai de Effia, Cobbe Otcher, deixou a sua primeira mulher, Baaba, com a bebé recém-nascida, para poder ir avaliar os danos causados pelo incêndio aos seus inhames, a cultura que toda a gente sabia ser a mais preciosa para sustentar a família. Cobbe tinha perdido sete inhames e sentiu cada uma dessas perdas como um rude golpe para a sua família. Percebeu, nessa altura, que a memória desse fogo que tudo devastara e depois fugira iria persegui-lo a ele, aos seus filhos e aos filhos dos seus filhos, enquanto a linhagem da família continuasse. Quando regressou à cabana de Baaba e deu com a sua filha, nascida na noite do fogo, a gritar para o ar, olhou para a mulher e disse:

— Nunca mais voltaremos a dizer uma palavra sobre o que aconteceu hoje.

Os aldeões começaram a dizer que a bebé tinha nascido do fogo e que era por isso que Baaba não tinha leite. Effia foi amamentada pela segunda mulher de Cobbe, que tivera um filho dele três meses antes. Effia não agarrava o peito e, quando o fez, as suas gengivas duras rasgaram a carne à volta dos mamilos da mulher, de tal forma que ela ficou com medo de amamentar a bebé. Por causa disso, Effia foi

ficando cada vez mais magra, só pele e uns ossos de passarinho, com a boca transformada num imenso buraco negro que não parava de chorar de fome, num choro que se ouvia por toda a aldeia, até mesmo quando Baaba fazia todos os possíveis por abafar esse choro, tapando a boca da bebé com a palma calosa da sua mão esquerda.

— Ama-a — ordenou Cobbe, como se amar fosse uma coisa tão simples como levar comida de um prato de metal para além dos lábios de alguém. À noite, Baaba sonhava que deixava a bebé na escuridão da floresta, para que o deus Nyame pudesse fazer o que quisesse com ela.

Effia cresceu. No verão depois de ela ter feito três anos, Baaba teve o seu primeiro filho. O menino chamava-se Fiifi e era tão gordo que, às vezes, quando Baaba não estava a ver, Effia rebojava-o pelo chão como se fosse uma bola. No primeiro dia em que Baaba deixou Effia pegar nele ao colo, ela deixou-o cair sem querer. O bebé fez ricochete sobre as nádegas, aterrou de barriga no chão e olhou para todos os presentes, sem saber se devia chorar ou não. Decidiu não chorar, mas Baaba, que tinha estado a mexer *banku*, levantou a colher de pau e começou a bater com ela nas costas despidas de Effia. De cada vez que a colher de pau saltava do corpo da menina, deixava-lhe bocados quentes e pegajosos de *banku* agarrados ao corpo, que lhe queimavam a carne. Quando Baaba acabou, Effia estava cheia de feridas, a gritar e a chorar. Fiifi, rebojava no chão de barriga para baixo, olhava para Effia com os seus olhos enormes, mas sem emitir qualquer som.

Quando Cobbe chegou a casa, deu com as suas outras mulheres a tratarem das feridas de Effia e percebeu imediatamente o que tinha acontecido. Discuti com Baaba noite adentro. Effia conseguia ouvi-los através das paredes finas da cabana, onde ia dormitando no chão por entre um sono febril. Quando ela sonhava, Cobbe era um leão e Baaba era uma árvore. O leão arrancava a árvore do solo e ia batendo com ela até a deitar ao chão. A árvore estendia os seus ramos em sinal de protesto, e o leão devorava-os, um a um. A árvore, na horizontal, começava a chorar formigas vermelhas que percorriam as estreitas fendas do seu tronco, formando uma poça na terra mole em redor da parte de cima do tronco.

E foi assim que começou o ciclo. Baaba batia a Effia. Cobbe batia a Baaba. Aos dez anos, Effia sabia contar a história de todas as cicatrizes que tinha no corpo. O verão de 1764, quando Baaba lhe partiu inhamas nas costas. A primavera de 1767, quando Baaba lhe bateu com uma pedra no pé esquerdo, partindo-lhe o dedo grande, que ficou para sempre voltado para o lado contrário ao dos outros dedos. Por cada cicatriz no corpo de Effia havia uma cicatriz correspondente no corpo de Baaba, mas isso não impedia a mãe de bater na filha nem o pai de bater na mãe.

As coisas só pioraram devido ao desabrochar da beleza de Effia. Quando tinha doze anos, chegaram os seios, dois altos no seu peito, tão suaves como manga. Os homens da aldeia sabiam que o primeiro sangue não tardaria a chegar, e ficaram à espera de uma oportunidade para pedirem a mão dela a Baaba e a Cobbe. As ofertas começaram a aparecer. Havia um homem que sabia tirar vinho das folhas de palma melhor do que ninguém, mas havia outro cujas redes de pesca nunca vinham vazias. A família de Cobbe deleitava-se com a jovem mulher em que Effia se ia transformando. As barrigas e as mãos nunca mais estiveram vazias.

Em 1775, Adwoa Aidoo tornou-se a primeira rapariga da aldeia a ser pedida em casamento por um dos soldados ingleses. Tinha a pele clara e a língua afiada. De manhã, depois de tomar banho, esfregava manteiga de carité no corpo, por baixo dos seios e entre as pernas. Effia não a conhecia bem, mas tinha-a visto nua, num dia em que Baaba a mandara levar óleo de palma à cabana da jovem. A sua pele era macia e reluzente, e o cabelo era sumptuoso.

Da primeira vez que o homem branco veio, a mãe de Adwoa pediu aos pais de Effia que lhe mostrassem a aldeia, enquanto Adwoa se preparava para ele.

— Posso ir? — perguntou Effia, correndo atrás dos pais, quando estes começavam a sua caminhada. Ouviu o «não» de Baaba com um ouvido e o «sim» de Cobbe com o outro. Ganhou o ouvido do pai e, passado pouco tempo, Effia estava perante o primeiro homem branco que alguma vez vira.

— Ele tem muito prazer em conhecer-te — disse o tradutor, no momento em que o branco estendeu a mão para Effia. Ela não aceitou a saudação; pelo contrário, escondeu-se atrás da perna do pai a observá-lo.

Trazia um casaco apertado ao meio com botões dourados brilhantes e retesado pela sua pança. A cara estava muito vermelha, como se o pescoço fosse um cepo a arder. Era todo ele muito gordo, e tinha grandes gotas de suor a cáirem-lhe da testa e por cima do lábio superior. Effia começou a pensar nele como uma nuvem de chuva: macilento, molhado e disforme.

— Ele gostaria de visitar a aldeia — disse o tradutor, e começaram todos a andar.

A primeira paragem que fizeram foi junto ao terreno de Effia.

— É aqui que moramos — disse Effia ao homem branco, e ele respondeu-lhe com um sorriso apatetado e os olhos verdes escondidos por uma espécie de nevoeiro.

Ele não compreendia. Mesmo depois de o tradutor lhe dizer, continuava a não compreender.

Cobbe deu a mão a Effia, enquanto ele e Baaba acompanhavam o homem branco através do terreno.

— Aqui, nesta aldeia — disse Cobbe —, cada mulher tem a sua própria cabana. Esta é a cabana que partilha com os filhos. Quando é noite de o marido estar com ela, vai ter com ela à sua cabana.

Os olhos do homem branco ficaram mais desanuviados e, de repente, Effia apercebeu-se de que ele estava a ver com outros olhos. A lama das paredes da sua cabana, a palha do telhado — finalmente, ele estava a conseguir ver tudo isso.

Continuaram a andar pela aldeia, mostrando ao homem branco a praça central, os pequenos barcos de pesca feitos de troncos de árvores escavados, que os homens transportavam enquanto percorriam os poucos quilómetros até à costa. Effia estava a obrigar-se a ver também as coisas com outros olhos. Sentiu o cheiro salgado do vento nos pelos do seu nariz, sentiu a casca de uma palmeira tão aguçada como se fosse um arranhão, viu o vermelho muito, muito intenso de tudo o que os rodeava.

— Baaba — perguntou Effia, quando por momentos o homem se afastou deles —, porque é que a Adwoa se vai casar com este homem?

— Porque a mãe dela mandou.

Passadas algumas semanas, o homem branco foi apresentar cumprimentos à mãe de Adwoa, e Effia e todas as outras pessoas da aldeia juntaram-se para ver o que ele iria oferecer-lhe. O preço da noiva era de quinze libras, e havia as coisas que ele tinha levado do Castelo, carregadas às costas por Asante. Cobbe obrigou Effia a ficar atrás dele, enquanto viam os criados a chegar com tecidos, milho, ouro e ferro.

Quando voltaram para o terreno, Cobbe puxou Effia de lado, deixando que as suas mulheres e os seus outros filhos continuassem a andar à sua frente.

— Percebes o que acabou de acontecer? — perguntou-lhe. Ao longe, Baaba deu a mão a Fiifi. O irmão de Effia tinha acabado de fazer onze anos, mas já conseguia trepar pelo tronco de uma palmeira sem nenhum apoio a não ser as suas mãos e os seus pés.

— O homem branco veio buscar Adwoa — respondeu Effia.

O pai acenou com a cabeça.

— Os brancos vivem no Castelo da Costa do Cabo. É a partir de lá que vendem coisas ao nosso povo.

— Coisas como ferro e milho?

O pai pousou-lhe a mão no ombro e deu-lhe um beijo na testa mas, quando afastou a cara, a expressão dos seus olhos estava estranha e distante.

— Sim, eles trazem-nos ferro e milho, mas nós temos de lhes dar coisas em troca. Aquele homem veio da Costa do Cabo para se casar com Adwoa, e haverá mais homens como ele, que virão buscar as nossas filhas. Mas para ti, minha filha, tenho planos maiores do que viveres como esposa de um branco. Hás de casar com um homem da nossa aldeia.

Nesse preciso momento, Baaba voltou-se para trás e Effia reparou nos olhos dela. Baaba estava com uma expressão carrancuda. Effia olhou para o pai, a fim de ver se ele tinha reparado, mas Cobbe não disse uma única palavra.

Effia sabia quem escolheria para marido, e esperava ardentemente que os pais escolhessem o mesmo homem. Abeeku Badu seria o próximo chefe da aldeia. Era alto, tinha a pele da cor do caroço de um abacate e mãos grandes com dedos finos e compridos, que agitava como se fossem raios de um relâmpago enquanto falava. Tinha ido quatro vezes ao terreno deles no último mês e, no fim dessa semana, ele e Effia iriam tomar uma refeição em conjunto.

Abeeku levou uma cabra. Os seus criados levaram inhames e peixe e vinho de palma. Baaba e as outras mulheres fizeram as fogueiras e aqueceram o óleo. Havia um cheiro intenso no ar.

Nessa manhã, Baaba tinha entrançado o cabelo de Effia. O cabelo separado ao meio e duas longas tranças, uma de cada lado. Faziam-na parecer um carneiro, forte, determinada. Effia tinha espalhado óleo no seu corpo nu e pôs ouro nas suas orelhas. Sentou-se à frente de Abeeku, enquanto comiam, satisfeita com os olhares fugazes e elogiosos que ele lhe lançava.

— Estiveste na cerimónia de Adwoa? — perguntou Baaba, quando todos os homens já tinham sido servidos e as mulheres começaram finalmente a comer.

— Sim, estive, mas só de passagem. É uma pena Adwoa ir-se embora da aldeia. Daria uma boa esposa.

— Vais trabalhar para os ingleses quando fores chefe? — perguntou Effia. Cobbe e Baaba olharam para ela com um ar crítico, e Effia baixou a cabeça mas, quando a levantou, viu que Abeeku estava a sorrir.

— Nós trabalhamos *com* os ingleses, Effia; não trabalhamos para eles. O comércio é isso. Quando for chefe, vamos continuar a fazer tudo da mesma maneira, facilitando o comércio com os Asante e com os ingleses.

Effia acenou com a cabeça. Não tinha a certeza absoluta do que isso significava, mas percebeu pela expressão dos pais que era melhor não dizer nada. Abeeku Badu era o primeiro homem que eles tinham levado para a conhecer. Effia queria desesperadamente que ele a escolhesse, mas ainda não sabia que tipo de homem ele era, nem que tipo de mulher quereria. Quando estivesse na

sua cabana, podia perguntar ao pai e a Fiifi tudo o que quisesse. Era Baaba quem praticava o silêncio e preferia que Effia fizesse exatamente o mesmo, tinha sido Baaba quem lhe tinha batido por ela lhe ter perguntado por que motivo não a levara para ser abençoada, como todas as outras mães faziam às suas filhas. Só quando Effia não falava nem fazia perguntas, quando se tornava insignificante, é que conseguia sentir o amor de Baaba, ou qualquer coisa parecida com isso. Talvez Abeeku quisesse o mesmo.

Abeeku acabou de comer. Apertou a mão a todos os membros da família e, quando chegou à mãe de Effia, parou e disse-lhe:

— Avisa-me quando ela estiver pronta.

Baaba fechou a mão sobre o peito e fez um sóbrio aceno com a cabeça. Cobbe e os outros homens acompanharam Abeeku até ele partir, enquanto o resto da família lhe acenava.

Nessa noite, Baaba acordou Effia, quando ela estava a dormir no chão da sua cabana. Effia sentiu o calor da respiração da mãe enquanto ela lhe dizia ao ouvido:

— Quando te aparecer o sangue, Effia, tens de o esconder. Tens de me dizer a mim, mas não dizes a mais ninguém. Percebeste? — Deu a Effia frondes de palma, das quais tinha feito rolos de folhas suaves. — Põe-nas dentro de ti e vê todos os dias como estão. Quando estiverem vermelhas, tens de me dizer.

Effia olhou para as frondes de palma que Baaba segurava com as mãos estendidas. A princípio não as aceitou mas, quando tornou a olhar para cima, viu que havia qualquer coisa parecida com desespero nos olhos da mãe. E, como esse olhar tinha de certa forma suavizado o rosto de Baaba, e como Effia também já conhecia esse sentimento de desespero, esse fruto do desejo, obedeceu. Todos os dias Effia via se havia vermelho, mas as frondes de palma continuavam sempre do mesmo verde esbranquiçado. Na primavera, o chefe da aldeia adoeceu e toda a gente começou a observar Abeeku com toda a atenção, para ver se ele estava pronto para a função. Nos meses seguintes, casou-se com duas mulheres: Arekua, a Sábia, e Millicent, a filha mestiça de uma mulher Fante e de um soldado inglês. O soldado tinha morrido com a febre, deixando uma grande fortuna à mulher e às duas filhas, que lhes permitia

fazer tudo o que quisessem. Effia rezava todos os dias para que os aldeões lhe chamassem «Effia, a Bela», como Abeeku lhe chamava nas raras ocasiões em que era autorizado a falar com ela.

O marido branco da mãe de Millicent tinha-lhe dado outro nome. Ela era uma mulher gorda, roliça, com uns dentes que reluziam contra a noite escura que era a sua pele. Tinha decidido deixar o Castelo e ir para a aldeia quando o marido morreu. Como os homens brancos não podiam deixar dinheiro em testamento às mulheres Fante e aos filhos, deixavam-no a outros soldados e amigos, e eram esses amigos que pagavam às mulheres. A mãe de Millicent tinha recebido dinheiro suficiente para começar uma nova vida e ainda um terreno. Ela e Millicent iam muitas vezes visitar Effia e Baaba porque, como ela costumava dizer, em breve seriam todas da mesma família.

Millicent era a mulher com a pele mais clara que Effia tinha visto em toda a sua vida. Os cabelos pretos chegavam-lhe ao meio das costas, e os olhos tinham laivos verdes. Raramente sorria, e falava com uma voz rouca e um sotaque Fante estranho.

— Como é que era a vida no Castelo? — perguntou Baaba à mãe de Millicent um dia, quando estavam as quatro sentadas a petiscar amendoins e bananas.

— Era boa, muito boa. Oh, aqueles homens cuidam de nós! É como se nunca tivessem estado com uma mulher. Não sei o que é que as mulheres inglesas deles faziam. Digo-te, o meu marido olhava para mim como se eu fosse água e ele fosse fogo, e todas as noites o fogo tivesse de ser apagado.

As mulheres riram-se. Millicent sorriu à socapa para Effia, e Effia teve vontade de lhe perguntar como era com Abeeku, mas não teve coragem.

Baaba chegou-se mais perto da mãe de Millicent mas, mesmo assim, Effia conseguiu ouvir:

— E pagam um bom preço pelas noivas, não é?

— Se pagam! Digo-te, o meu marido pagou dez libras à minha mãe, e isso foi há quinze anos! Podes crer, minha irmã, é uma maquia, mas eu estou contente por a minha filha ter casado com um Fante. Mesmo que um soldado se oferecesse para pagar vinte libras,

ela não seria mulher de um chefe. E, pior ainda, teria de viver no Castelo, longe de mim. Não, não, é melhor casar com um homem da aldeia, para que as nossas filhas possam ficar perto de nós.

Baaba acenou com a cabeça e voltou-se para Effia, mas rapidamente desviou o olhar.

Nessa noite, precisamente dois dias antes de Effia fazer quinze anos, o sangue apareceu. Não foi a torrente poderosa de ondas do oceano que Effia esperava que fosse, mas apenas um fiozinho, como se fossem gotas de chuva a caírem uma a uma do mesmo sítio do telhado da cabana. Limpou-se e esperou que o pai se afastasse de Baaba para poder dizer-lhe.

— Baaba — disse, mostrando-lhes as frondes de palma pintadas de vermelho —, já tenho o meu sangue.

Baaba tapou-lhe os lábios com a mão.

— Mais alguém sabe?

— Não, ninguém — respondeu Effia.

— Então, continua assim, estás a ouvir? Quando alguém te perguntar se já és mulher, dizes que não.

Effia acenou com a cabeça. Voltou-se para se ir embora mas, se não fizesse uma pergunta, rebentava:

— Porquê?

Baaba meteu a mão na boca de Effia e puxou-lhe a língua para fora, beliscando-a com a ponta das unhas aguçadas.

— Quem julgas tu que és para me fazeres uma pergunta, hein? Se não fizeres o que estou a mandar, garanto-te que nunca mais falas. — Soltou a língua de Effia, que, durante o resto da noite, ficou com o sabor do seu próprio sangue na boca.

Na semana seguinte, morreu o antigo chefe. O funeral foi anunciado em todas as aldeias circundantes. As cerimónias durariam um mês e acabariam com a nomeação de Abeeku. As mulheres da aldeia cozinham do nascer ao pôr do sol; fizeram-se tambores com as madeiras mais finas e pediu-se às melhores cantoras que erguessem as suas vozes. Os participantes no funeral começaram a dançar no quarto dia da estação das chuvas e só pararam quando o chão debaixo dos seus pés ficou completamente seco.

No final da primeira noite seca, Abeeku foi coroado Omanhin, chefe da aldeia Fante. Envergava vestes feitas de tecidos preciosos e estava ladeado pelas suas duas mulheres. Effia e Baaba estavam ao lado uma da outra a ver, e Cobbe ia andando por entre os presentes. De vez em quando, Effia ouvia-o murmurar que ela, a sua filha, a mulher mais bela da aldeia, também devia estar lá em cima.

Na sua qualidade de novo chefe, Abeeku queria fazer qualquer coisa em grande, qualquer coisa que chamasse a atenção para a sua aldeia e obrigasse a que fossem reconhecidos. Apenas três dias depois de ter tomado posse, chamou todos os homens da aldeia à sua propriedade. Durante dois dias, encheu-os de comida e de vinho de palma, até que as suas gargalhadas ruidosas e os seus gritos acalorados se fizeram ouvir em todas as cabanas.

— O que irão fazer? — perguntou Effia.

— Não tens nada que ver com isso — respondeu Baaba.

Nos dois meses desde que Effia começara a sangrar, Baaba tinha parado de lhe bater. Era a recompensa pelo seu silêncio. Em certos dias, quando estavam a preparar as refeições para os homens, ou quando Effia ia buscar água e via Baaba mergulhar lá as suas mãos em concha, pensava que estavam finalmente a agir como supostamente mães e filhas deviam agir. Mas, depois, havia outros dias em que o olhar carrancudo voltava ao rosto de Baaba, e Effia percebia que a nova calma da sua mãe era apenas temporária e que a sua raiva era um animal selvagem só momentaneamente domado.

Cobbe voltou da reunião com um machete comprido. O punho era de ouro, com letras esculpidas que ninguém entendia. Estava tão bêbedo que todas as suas mulheres e filhos se puseram em círculo à volta dele, a uma distância de cerca de meio metro, enquanto ele, arrastando o passo, brandia o instrumento aguçado em todas as direções.

— Vamos enriquecer esta aldeia à custa de sangue! — gritava.

Avançou sobre Fiifi, que tinha entrado para dentro do círculo, mas o rapaz, mais magro e mais rápido do que nos seus tempos de bebé gordo, desviou as ancas, evitando a ponta do machete por apenas alguns centímetros.

Fiifi tinha sido o participante mais jovem da reunião. Toda a gente sabia que ele daria um bom guerreiro. Percebia-se isso pela forma como trepava as palmeiras. Pela forma como usava o seu silêncio como se fosse uma coroa de ouro.

Depois de o pai se ter ido embora, e de ter a certeza de que a mãe estava a dormir, Effia foi ter com Fiifi.

— Acorda — sussurrou-lhe, mas ele empurrou-a. Mesmo meio a dormir, tinha mais força do que ela. Ela caiu para trás mas, com a graciosidade de um gato, tornou a levantar-se. — Acorda — repetiu.

Fiifi abriu os olhos.

— Deixa-me em paz, irmã.

— O que é que vai acontecer? — perguntou Effia.

— É um assunto de homens — respondeu Fiifi.

— Tu ainda não és um homem — contrapôs Effia.

— E tu ainda não és uma mulher — ripostou Fiifi — porque, se fosses, terias estado lá esta noite com Abeeku, como mulher dele.

Os lábios de Effia começaram a tremer. Voltou-se para regressar ao seu lado da cabana, mas Fiifi agarrou-lhe o braço.

— Vamos ajudar os ingleses e os Asante a fazerem comércio.

— Oh! — exclamou Effia. Era a mesma história que já tinha ouvido do pai e de Abeeku havia alguns meses. — Quer dizer que vão dar ouro e tecidos Asante ao homem branco?

Fiifi apertou-lhe o braço com mais força.

— Não sejas estúpida! Abeeku fez uma aliança com uma das aldeias Asante mais poderosas. Vamos ajudá-los a venderem os seus escravos aos ingleses.

E foi assim que os homens brancos chegaram à aldeia. Gordos e magros, vermelhos e bronzeados. Vinham fardados, com as espadas junto aos corpos, a olharem para todos os lados, sempre cautelosos. Vinham aprovar os bens que Abeeku lhes tinha prometido.

Nos dias que se seguiram à cerimónia de entronização do chefe, Cobbe tinha ficado nervoso com a promessa quebrada por Effia ainda não ser mulher, nervoso com a possibilidade de Abeeku a esquecer em favor de outras mulheres da aldeia. Sempre dissera que

queria que a sua filha fosse a primeira esposa, a mais importante, mas naquele momento ser a terceira já era uma esperança muito difícil de se tornar realidade.

Todos os dias perguntava a Baaba se tinha acontecido alguma coisa a Effia, e todos os dias Baaba lhe respondia que ela ainda não estava preparada. Em desespero, decidiu autorizar a filha a ir uma vez por semana às terras de Abeeku com Baaba, para que o homem a visse e se lembrasse de quanto amara outrora o seu rosto e a sua presença.

Foi Arekua, a Sábua, a primeira esposa de Abeeku, quem as recebeu, quando apareceram ao fim da tarde.

— Por favor, mãezinha — disse, dirigindo-se a Baaba. — Não estávamos à vossa espera esta noite. Estão cá os homens brancos.

— Podemos ir embora — disse Effia, mas Baaba agarrou-a pelo braço.

— Se não te importares, gostaríamos de ficar — respondeu Baaba. Arekua olhou para ela de uma forma estranha. — O meu marido vai ficar zangado, se voltarmos para casa cedo de mais — acrescentou, como se isso servisse de explicação. Effia sabia que ela estava a mentir. Cobbe não as tinha mandado ir lá naquela noite. Fora Baaba quem, sabendo que os homens brancos estariam lá, insistira que deviam ir apresentar-lhes cumprimentos. Arekua teve pena e foi perguntar a Abeeku se elas podiam ficar.

— Vão comer com as mulheres e, se os homens entrarem, não podem falar — disse, depois de voltar. Acompanhou-as até ao interior da propriedade. Effia foi observando várias cabanas até chegarem àquela onde as esposas se tinham juntado para comer. Sentou-se ao lado de Millicent, cuja barriga de grávida já se notava, apesar de não ser maior do que um coco descaído. Arekua tinha mandado fazer um guisado de peixe em óleo de palma, que elas atacaram até ficarem com os dedos cor de laranja.

Passado pouco tempo, entrou na sala uma criada em quem Effia ainda não tinha reparado. Era uma menina pequena, apenas uma criança, que nunca tirava os olhos do chão.

— Mãezinha — disse, dirigindo-se a Arekua —, os homens brancos gostariam de visitar a propriedade. O chefe Abeeku manda dizer que têm de estar apresentáveis para eles.

— Vai buscar água, depressa — ordenou Millicent e, quando as criadas chegaram com um balde cheio de água, todas elas lavaram as mãos e os lábios. Effia limpou o cabelo, lambendo as palmas das mãos e passando os dedos pelos pequenos caracóis, quase de bebé, de ambos os lados do seu rosto. Quando acabou, Baaba mandou-a pôr-se entre Millicent e Arekua, à frente das outras mulheres, e Effia fez tudo o que pôde para parecer mais pequena, a fim de não atrair as atenções.

Pouco depois, chegaram os homens. Effia pensou que Abeeku tinha o aspeto próprio de um chefe, forte e poderoso, como se conseguisse levantar dez mulheres acima da sua cabeça de uma só vez, em direção ao Sol. Atrás dele iam dois homens brancos. Effia achou que um deles devia ser o chefe dos homens brancos, pela forma como o outro olhava para ele antes de este fazer qualquer movimento ou proferir qualquer palavra. Aquele chefe branco usava as mesmas roupas que os outros, mas tinha mais botões dourados brilhantes a descer pelo casaco e também nas divisas sobre os ombros. Parecia mais velho do que Abeeku, com uns laivos de grisalho no cabelo castanho-escuro, mas estava muito direito, como competia a um chefe.

— Estas são as mulheres. As minhas esposas e filhas, as mães e as filhas — disse Abeeku. O homem branco mais baixo e mais tímido observou-o atentamente, enquanto ele falava, e depois voltou-se para o chefe branco e falou na estranha língua deles. O chefe branco fez um aceno de cabeça e sorriu para todas elas, admirando cuidadosamente e cumprimentando cada uma das mulheres no seu pobre Fante.

Quando cumprimentou Effia, ela não conseguiu reprimir uma pequena gargalhada. As outras mulheres mandaram-na calar-se, e a vergonha trouxe consigo um calor que começou a tingir-lhe as faces.

— Ainda estou a aprender — disse o chefe branco, sem tirar os olhos de Effia, num Fante que soou feio aos ouvidos dela. Ele continuou a olhar durante o que pareceu uma eternidade, e Effia sentiu que a sua pele ficava cada vez mais quente, pois o olhar dele transformou-se em algo mais intencional. Os círculos castanho-escuros das suas

íris pareciam panelas tão grandes que uma criança poderia afogar-se nelas, e foi assim que olhou para Effia, como se quisesse guardá-la neles, afundando-se. O rubor inundou rapidamente as faces dele. Voltou-se para o outro homem branco e disse qualquer coisa.

— Não, não é minha mulher — disse Abeeku, depois de o homem lhe ter feito a tradução, sem se dar ao incômodo de disfarçar o tédio que sentia. Effia baixou a cabeça, envergonhada porque talvez tivesse feito alguma coisa que pudesse comprometer Abeeku, envergonhada por ele não poder chamar-lhe «mulher». E envergonhada também por ele não a ter tratado pelo seu nome: Effia, *a Bela*. Queria desesperadamente quebrar a promessa que tinha feito a Baaba e anunciar que já era mulher mas, antes de chegar a falar, os homens foram-se embora, e a sua coragem desvaneceu-se quando o chefe branco olhou para ela por cima do ombro e sorriu.

Chamava-se James Collins e tinha sido nomeado governador do Castelo da Costa do Cabo. Ao fim de uma semana, voltou à aldeia para pedir a Baaba a mão de Effia em casamento. A raiva com que Cobbe ficou por causa daquele pedido sentiu-se pela casa toda, como um vapor escaldante.

— Ela está praticamente prometida a Abeeku! — gritou para Baaba, quando ela lhe disse que estava a ponderar o pedido.

— Sim, mas Abeeku não pode casar-se com ela enquanto o sangue não chegar, e estamos há anos à espera disso. Digo-te, marido, acho que ela foi amaldiçoada por aquele fogo, com a praga de ser para sempre um demónio que nunca há de ser mulher. Pensa bem nisso. Conheces alguém com tamanha beleza sem que ninguém possa tocar-lhe? O homem branco casar-se-á com ela independentemente disso. Ele não sabe o que ela é.

Effia tinha ouvido o homem branco a falar com a sua mãe nesse mesmo dia, umas horas antes. Pagaria por ela trinta libras à cabeça e vinte e cinco xelins por mês em bens de comércio, como dote. Mais do que Abeeku poderia pagar, mais do que alguma vez tinha sido oferecido por qualquer outra mulher Fante na sua aldeia ou na seguinte.

Effia ouviu o pai a andar de um lado para o outro durante toda a noite. E até acordou de manhã a ouvir esse mesmo som, o ritmo constante dos pés dele no chão de barro duro.

— Temos de convencer Abeeku de que a ideia foi dele — disse, por fim.

E, então, o chefe foi chamado à propriedade deles. Sentou-se ao lado de Cobbe, enquanto Baaba lhe contava a sua teoria, de que aquele fogo tinha destruído de tal forma a sua riqueza que tinha destruído também a criança.

— Ela tem corpo de mulher, mas há qualquer coisa maligna no seu espírito — disse Baaba, cuspidando para o chão para dar mais força às suas palavras. — Se te casares com ela, nunca te dará filhos. Se o homem branco se casar com ela, vai ficar com um carinho especial pela nossa aldeia, e isso fará o teu comércio prosperar.

Abeeku cofiou a barba, enquanto pensava.

— Traz-me *a Bela* — disse, por fim. A segunda mulher de Cobbe levou Effia à sala. Estava a tremer e doía-lhe tanto o estômago que pensou que iria esvaziar as entranhas ali mesmo, à frente de toda a gente.

Abeeku levantou-se, ficando de frente para ela. Passou os dedos por toda a paisagem do seu rosto, as colinas das suas faces, as grutas das suas narinas.

— Nunca nasceu mulher mais bela — afirmou. Voltou-se para Baaba. — Mas tens razão. Se o homem branco a quer, pode ficar com ela. Tanto melhor para o nosso comércio com eles. Tanto melhor para a aldeia.

Cobbe, um homem grande e forte, começou a chorar à frente de todos, mas Baaba ficou impávida. Aproximou-se de Effia depois de Abeeku sair e deu-lhe um pendente com uma pedra preta que tremeluzia como se tivesse sido revestida com pó de ouro.

Meteu-lho nas mãos e depois encostou-se a ela, até que os seus lábios tocaram no ouvido de Effia.

— Leva isto contigo quando fores. É um pedaço da tua mãe.

E, quando Baaba finalmente se afastou, Effia conseguiu descortinar qualquer coisa como alívio por trás do seu sorriso.